

***Liberdade na internet e aprendizagem:
o que compartilhamento de conhecimentos
na rede possibilita em termos de aprendizagem?***

debate

A quantidade de informação disponível na internet aumenta a cada minuto, numa escala jamais vista antes na história da humanidade. A utilização dessas informações para fins de ensino é polêmica por diversos fatores: dispersão do conhecimento na rede (porque é muito e não está devidamente organizado), a proliferação do plágio, desconhecimento de licenças, informações não averiguáveis, dentre outros, acarretando à parcela de conhecimento confiável, que é, sem dúvida, significativa, um sentido duvidoso a despeito de sua integridade. Esta mesa aborda essa questão, da internet na sala de aula e a relação entre aprendizagem e diversão.

Sumário

A gente quer comida, diversão e arte! (Ana Matte).....	2
Somos livres na escolha da informação que consumimos? (Carlos Castro)....	4
A disciplina UNI003 e a produção colaborativa de textos (Daniele de Oliveira).....	8

A gente quer comida, diversão e arte! (Ana Matte)

Ou, como diria a Cássia Eller, “queremos notícia mais séria sobre a descoberta da antimatéria e suas implicações na emancipação do homem...”.

Saber muito sobre algo ou saber algo sobre muito? A internet permite escolher livremente qual a alternativa?

Há alguns anos, o Google vem desenvolvendo sua ferramenta de buscas para que ela, de forma inteligente, adeque suas respostas ao histórico do usuário. Com a integração das licenças e dos sistemas todos mantidos pela empresa (gmail, calendar, google translator, googledocs e o próprio buscador, dentre outros), esse efeito foi maximizado: agora até o que você escreve para seu amigo “secreto” é “lido” pela máquina do Google para alimentar esse sistema de conhecimento do usuário. Eu poderia ficar horas aqui discutindo a questão da privacidade, que realmente incomoda, mas não é o tema dessa mesa redonda, então fica para a próxima oportunidade.

A questão que me fez relatar esse processo, de forma bem sucinta, é que cada um de nós, ao realizar uma busca no Google hoje, verá no topo da lista aquelas opções que corresponde ao nosso universo mais próximo, no que diz respeito ao nosso uso do sistema web. Eu, por exemplo, adoro buscar músicas no site do Terra. Hoje, qualquer busca por música que eu faça no Google, esta é a primeira opção da lista, e em geral atende muito bem. Mas se estou buscando por qualquer coisa diferente, a novidade, se houver, estará perdida nos milhares de páginas depois desta que normalmente olhamos. De certo modo, acabo sendo cúmplice do monopólio dos sites mais buscados, mesmo sem querer. E se você pensa que não, que você é sempre original, lembre-se que, se o Google não detectar nenhuma preferência sua (o que acho bem improvável, mas não impossível), ele vai usar o velho mecanismo de te mostrar primeiro o que a maioria dos usuários preferiu ao fazer busca semelhante. Velho, pois já tem alguns anos.

Pensando nisso, mas também por pura curiosidade, comecei a experimentar recentemente um outro sistema de buscas online, o

Duckduckgo.com, que veio sugerido no Firefox do último Linux que instalei. Os resultados do Google e do Duckduckgo, ao buscar o trecho citado acima da música da Cássia Eller, não foram muito diferentes nas primeiras entradas. Mas não foram os mesmos. O Duckduckgo não sabe que eu costumo buscar artigos científicos na internet. Ele encontrou isso, mas não era relevante em relação aos termos da busca e só foi aparecer mais no final da página inicial. Encontrou teses, no lugar. O Google retornou vários artigos logo no começo da primeira página, depois, claro, do site do Terra. Com o Duckduckgo eu descobri que essa música foi usada para exemplo de oração subordinada, coisa que eu jamais suspeitaria se fosse basear-me exclusivamente nos achados do Google. Mas o Google ganhou pontos comigo quando sugeriu na primeira página um site que estava disponibilizando música livre, porque ele sabe que eu me interesse pelo assunto. Já o Duckduckgo me trouxe uma curiosidade interessante, da música sendo usada numa palestra sobre ciências naturais. E não param aí as comparações.

Havia novidade para mim nas respostas do Google? Sim, como também nas do DuckDuckgo. Novidades diferentes. Mesmo que você pense que é melhor que a busca retorne logo algo pelo que eu já tenho interesse, isso é, sem dúvida uma faca de dois gumes. Quando compro um jornal, eu posso durante anos jogar fora, por exemplo, o caderno de esportes e mesmo assim, continuar querendo o direito de ler essa parte quando interessar. E quando isso vai acontecer? Se eu não sei, porque é que o Google deveria saber?

Então, nada de sermos ingênuos, meus caros. Embora eu tenha apenas iniciado a discussão, creio que deu para você perceber: Liberdade não se ganha! Liberdade se conquista!

E este é, com certeza, um conhecimento que deveria ser de todos. “Pois, se foi permitido ao homem tantas coisas conhecer, é melhor que todos saibam o que pode acontecer”.

Ana Cristina Fricke Matte

Somos livres na escolha da informação que consumimos? (Carlos Castro)

Caro interlocutor, você já parou pra pensar de onde vêm as notícias que nos chegam no dia a dia? Quem as produz? Sob quais ideologias são movidas as pessoas, ou empresas, que as produzem? São perguntas capciosas que, para muitos, a resposta será a mesma: “Não”. E haverá aqueles que ainda retrucarão: “Pra quê isso?”. Ou ainda reclamarão: “Que trabalheira! É só entrar na internet que tá tudo lá, na primeira página do UOL.” Sim, caro leitor abismado, essas pessoas existem. E estão no nosso meio, fazem parte do nosso convívio. Em experiências que tive como professor, de ensino fundamental, médio e superior, já me deparei com questionamentos do tipo mais de uma vez, acreditem. Mas não é só o aluno, que ainda está trabalhando seu olhar crítico sobre o mundo, que tem tal opinião. Seus amigos, familiares, vizinhos, dentre outros tantos, também fazem parte desse bolo. Do bolo que consome a cultura homogeneizada propositadamente para a massa. Estou sendo fatalista? Creio que não. Vou expor aqui apenas três exemplos que corroboram meu posicionamento.

Início pelo exemplo dos Estados Unidos da América que, pra começo de conversa, fez o mundo inteiro acreditar em um monte de coisas que, descobrimos anos depois, não era exatamente a verdade. Ou você já se esqueceu das alardeadas armas de destruição em massa iraquianas que nunca existiram, mas garantiram a invasão e uma matança absurda, inclusive de civis, naquele país? Dia desses vi um excelente documentário produzido

pela revista Super Interessante e fiquei chocada - existem coisas que ainda me chocam - com os comerciais produzidos pela TV estadunidense ao longo do século XX sobre os efeitos nocivos do uso da maconha. Tinha cena trash pra todo o gosto. Desde moças bonitas e saudáveis que fumavam a “erva maldita” e se tornavam serial killers até filhos que batiam nos pais, etc. Foi a mídia também que construiu uma imagem dos EUA como um modelo de democracia quando, na verdade, sabemos que não é bem assim. Eu não me esqueço das confusões eleitorais que acabaram por levar Jorge W. Bush ao poder em uma contagem de votos muito mal explicada no estado da Flórida, nas eleições presidenciais do ano 2000. Bem, falar mal dos EUA já está meio fora de moda, afinal, deles nós já esperamos tudo. Não é verdade?

Outro caso então: Cuba. Sabemos que Fidel, e agora seu irmão Raul, estão no poder desde a revolução de 1959. As informações que nos chegam, sempre muito bem filtradas, claro, é que os que podem fogem do país, que parte de seu território não pode ser visitada por turistas, que eles não têm liberdade de expressão, que vivem na miséria, etc. Que parte de toda essa história será verdade? Que a medicina e a educação cubanos são exemplares, nós temos certeza, não? E, diga-se de passagem, são bem melhores do que em países de primeiro mundo ou dos bambambans da vez, os BRICs. Há menos de seis meses, estive conversando sobre o assunto com uma colega que viveu em Cuba por dois anos, em meados da década de 2000, para fazer uma pesquisa de mestrado. Esclareço que não se trata de nenhuma pessoa extremista, mas é uma pesquisadora de muita consciência e credibilidade e, acima de tudo, com um olhar crítico que poucos têm. Segundo ela, o que seus olhos presenciaram foi uma alegria sem igual, orgulho da cultura local, sobretudo da música, a existência de eleições parciais que elegem delegados e conselheiros que participam das decisões governamentais a cada 2,5 anos e eleições gerais que elegem o parlamento a cada 5 anos. Calma, calma, não estou dizendo que essas eleições são sérias ou imparciais ou que eleições diretas para a presidência são desnecessárias. Nem que não o sejam. Mas em outros países tidos como exemplo de democracia, tal como os EUA, também não há eleições diretas para seus soberanos. A colega me relatou, ainda, os problemas com o acesso

à internet que a mídia do capitalismo retrata como repressão à liberdade de imprensa, dentre outros inúmeros fatos presenciados que não encontram partidários na mídia que nos chega. E sobre a internet, a única que está disponível para aquele povo é a via satélite. Os maravilhosos cabos de fibras óticas, ultramegapowerrápidos, estão em território estadunidense, o vizinho mais próximo. E aí? Como se apropriar dessa maravilhosa tecnologia do nada amistoso vizinho? Impossível, não? E os tais satélites, que não fornecem acesso de qualidade nem em países mais ricos com muita plata para esse tipo de investimento, poderiam dar acesso a toda a população? Difícil, não!? Assim, o que resta para aquele povo é deixar o luxo da internet para os serviços essenciais como pesquisa, ensino e saúde. Pode me questionar, o meu papel aqui é provocar a reflexão. E acrescento mais um ingrediente nessa minha fórmula provocativa: a blogueira e jornalista cubana de mala suerte Yoani Sánchez. Bem, se em Cuba não se tem liberdade de imprensa e aos dissidentes do regime resta apenas a prisão ou, quem sabe, a morte, como essa jornalista continua livre e publicando? (Inclusive, acabo de acessar o blog da jornalista: <http://www.desdecuba.com/generaciony/>). Talvez os revolucionários cubanos não sejam tão maus assim. Que lhe parece? Ah.... importantíssimo: não sou comunista, ok!?

Por fim, me volto para a mídia brasileira e as agências de notícias. Essas últimas, em pesquisa rápida no Google, utilizando as palavras-chave “principais+agências+notícias+mundo”, nos quatro primeiros resultados da busca, os mais relevantes, eu não consegui muita coisa. A Reuters tá em todas e a ela acrescentamos mais uma dezena, se muito, como a AFP, AP, CTK, ABN, The Associated Press, Agência Estado, alguns pequenos sites noticiosos que estão longe de concorrer com as grandes que, já li algum dia em algum lugar que eu não consegui recuperar no momento dessa reflexão, não passam de seis. Mas, para comprovar essa informação, basta que pensemos um pouco sobre quais agências já ouvimos falar no Jornal Nacional, ou nos seus concorrentes como o Jornal da Record ou da Band, nos veículos do grupo Folha, dentre outros. Pense, pense, pense! Agora, diga-me, por favor, qual a última notícia do exterior que você teve acesso que não foi produzida pela Reuters? Essa não vale para o interlocutor da

área das comunicações, viu!? Poucas vezes, né!? Muitos até dirão: “Nenhuma”. Outros se lembrarão da Aljazeera ou de alguma européia, se muito. E aí? Parece que todos nós recebemos notícias produzidas por poucos, né!? E sob quais ideologias são produzidas essas notícias? Deu aquele sentimentozinho perturbador de “Ai, estou sendo enganado?” Não é fácil não, caro leitor. Se você não faz parte desse grupo que consome informação massificada, parabéns, você consegue usufruir do seu direito de liberdade na escolha da sua fonte de informação.

Termino essa minha coletânea de insights e provocações com mais uma pergunta: Como fugir da informação baseada em um único, ou poucos interesses? Parece-me uma tarefa complicada. Afinal, temos que ter, em um primeiro instante, consciência crítica que, por sua vez, depende de educação que, mais uma vez, não é para a maioria, sobretudo em países como o nosso que ainda luta para letrar adequadamente sua população. Se você é um privilegiado e já possui consciência crítica, agora terá que buscar as redes nas quais é possível encontrar outros pontos de vista. O que ainda é complicado. Pois as grandes agências têm investimentos, estão listadas na primeira página do Google e disponíveis em vários idiomas. Eu, por exemplo, creio que nunca terei a chance de ter uma informação sobre o Iraque que não seja filtrada pela Reuters ou pela Aljazeera. Afinal de contas, não sei árabe, a língua oficial do país. E se soubesse, será que eu encontraria um interlocutor iraquiano no Facebook?

A disciplina UNI003 e a produção colaborativa de textos (Daniele de Oliveira)

Atualmente vivemos em uma *sociedade da informação* (Marcuschi, 2005), na qual a Internet se revela como um protótipo de “novas formas de comportamento comunicativo”. A internet reúne, em um só meio, formas diversificadas de expressão, como, por exemplo, texto, som, imagem. Além disso, a possibilidade de veicular conteúdo com alta velocidade e a flexibilidade linguística facilitam sua incorporação às demais práticas sociais.

A crescente expansão do uso das novas tecnologias de informação é resultado da importância da informação para a sociedade contemporânea. Por isso, é fundamental que o aluno do ensino superior também seja capaz de manusear essa informação de maneira eficiente. E é exatamente isso que justifica a inserção da internet na sala de aula ou, ainda, a utilização do ambiente virtual como sala de aula.

A disciplina *Oficina de Língua Portuguesa: leitura e produção de texto*, oferecida pela Faculdade de Letras da UFMG na modalidade online, é um exemplo consistente de que a internet pode ser uma ferramenta importante na formação dos alunos. Nela, destacamos a produção colaborativa de um artigo acadêmico a ser apresentado pelos alunos no UEADSL – Universidade, Ensino a Distância e Software Livre, congresso inteiramente online, promovido pela Faculdade de Letras e pelo grupo do projeto de pesquisa Texto Livre.

A metodologia Texto Livre, proposta na disciplina, foi desenvolvida pela professora Ana Cristina Fricke Matte (Faculdade de Letras da UFMG) em 2006, quando o projeto Texto Livre foi criado visando ao suporte à documentação em software livre como um método de ensino/aprendizagem pela colaboração entre a academia e a sociedade. Ele tem apoio, principalmente, da Universidade Federal de Minas Gerais.

O objetivo central da disciplina, como o próprio nome diz, é desenvolver as habilidades de leitura e produção de textos dos alunos, com foco na produção do texto acadêmico (esquema, resumo, resenha, artigo). A metodologia da disciplina consiste em tratar, durante o semestre, um

assunto polêmico, de domínio do professor responsável e com eco em comunidades online, no caso, a cultura e o software livres, com objetivo final de apresentar um artigo no congresso nacional UEADSL.

Deve-se destacar a importância do objetivo final – a participação no congresso – que constitui uma situação de comunicação efetiva, tendo em vista que a escrita funciona como uma das estratégias para se alcançar determinados objetivos dentro de situações reais. Sendo assim, é fundamental que os alunos desenvolvam as habilidades de leitura e escrita em situações mais próximas da realidade possível.

Além disso, oferecemos aos alunos a oportunidade de participar da produção colaborativa de um artigo que consideramos uma importante estratégia de construção da aprendizagem, tendo em vista que proporciona a discussão entre os alunos, bem como a troca de informações e ideias. Além disso, os alunos exercitam o respeito aos colegas e vivenciam a responsabilidade conjunta por alguma coisa: a produção de um texto. Dessa forma, o aluno desenvolve sua capacidade criativa, a solidariedade e a inteligência coletiva (LÉVY, 1996).

Com a produção colaborativa de um artigo, procuramos mostrar aos alunos que se trata de um trabalho coletivo e não da simples junção de partes feitas individualmente que comporão um texto “frankenstein”, que as discussões devem partir da leitura prévia do mesmo texto por todos os componentes do grupo e, por fim, que a construção do artigo deve ser, de fato, coletiva, ou seja, deve-se incorporar contribuições de todos os membros do grupo.

Para que essa produção seja realmente coletiva, uma das estratégias possíveis é a divisão de tarefas, conforme destacado por Matte (2009). A autora sugere uma divisão de tarefas que envolva todos os membros do grupo, sendo que cada tarefa depende das demais, o que estimula a discussão entre todos. Essa divisão pode conter as seguintes tarefas: escrita, revisão, coleta de dados, discussão dos dados, organização dos dados, organização do grupo, formatação, produção de figuras, gráficos, etc, se necessário, dentre outras.

Com essa metodologia, almejam concretizar a proposta de Marcuschi (2005) e Lévy (1996) para quem a produção de texto deve ser contextualizada e não apenas “ser mostrada ao professor”. De fato, a produção de um texto real que vai circular em um evento online motiva os alunos no que se refere à qualidade dos textos produzidos. Além disso, o UEADSL tem sido palco de discussões muito interessantes e necessárias tendo-se em vista a sociedade da informação na qual vivemos.

Está claro que a metodologia ainda tem muito que evoluir, mas temos ciência, também, de que muitos passos já foram dados.

Referências bibliográficas

Matte, Ana Cristina Fricke. **Gerenciamento de projetos**. Material utilizado na disciplina Tecnologias para a produção coletiva de textos, oferecida pela Faculdade de Letras da UFMG, 2009. Disponível no link : <http://www.letras.ufmg.br/arquivos/matte/grad/prodColTextos/aulaGerenciamentoProjetos.swf> Acesso em 24 de maio de 2012.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P. 13-67.